

Educação Popular em Saúde: construindo saberes e práticas de cuidado através do EDPOPSUS

Rosiane Pinheiro Rodrigues¹, Georgia Helena de Oliveira Sotirakis², Juliana de Fátima Almeida da Penha³, Juciane Sousa Dias⁴

Resumo

Trata-se de um relato de experiência vivenciada por uma das turmas da primeira edição do EDPOPSUS, no Estado do Pará, formação ofertada pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Osvaldo Cruz/Fiocruz e Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa/Ministério da Saúde no período de maio a setembro de 2017, em Belém-PA. O objetivo foi apresentar a experiência da turma durante o processo formativo, suas práticas, vivências e transformações a partir da proposta do curso. As atividades de campo foram desenvolvidas com as comunidades adstritas da Estratégia Saúde da Família de Belém e Ananindeua, em maior escala, mas também, com participações nas comunidades adstritas da Estratégia Saúde da Família do Marajó. O trabalho desenvolvido mostrou uma riqueza e uma enorme diversidade de culturas e realidades do nosso Estado, através da Educação Popular em Saúde. Ao longo da formação EDPOPSUS foram observadas mudanças nas concepções e práticas dos educandos e nas relações com os outros trabalhadores, por meio da apresentação dos trabalhos de campo, numa construção sistemática do conhecimento, de empoderamento e de reflexões críticas.

Palavras-chave

Educação Popular em Saúde. Agentes Comunitários de Saúde. Agentes de Combate a Endemia.

¹ Mestra em Saúde, Ambiente e Sociedade na Amazônia pela Universidade Federal do Pará; professora substituta na Universidade do Estado do Pará, Brasil; tutora Ead da Universidade Federal do Pará, Brasil. rosiuepa@gmail.com.

² Graduanda em Enfermagem na Universidade do Estado do Pará, Brasil; bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). E-mail: helenasotirakis@hotmail.com.

³ Graduanda em Enfermagem na Universidade do Estado do Pará, Brasil. E-mail: julianapenha55@gmail.com.

⁴ Graduanda em Enfermagem na Universidade do Estado do Pará, Brasil. E-mail: jucisaid@gmail.com.

Popular Health Education: building knowledge and care practices through EDPOPSUS

Rosiane Pinheiro Rodrigues⁵, Georgia Helena de Oliveira Sotirakis⁶, Juliana de Fátima Almeida da Penha⁷, Juciane Sousa Dias⁸

Abstract

This is an experience report by one of the classes of the first edition of EDPOPSUS, training offered by Joaquim Venâncio Polytechnic School of Health, Fundação Osvaldo Cruz / Fiocruz and Secretariat of Strategic and Participatory Management / Ministry of Health in the period of May to September of 2017, in Belém, State of Pará, Brazil. The objective was to present the experience of the class during the formative process, its practices, experiences and transformations from the course proposal. Field activities were developed with the Belém and Ananindeua Family Health Strategy affiliated communities, on a larger scale, but also with participation in the communities included in the Marajó Family Health Strategy. The work developed showed the richness and huge diversity of cultures and realities of our State, through Popular Education in Health. Throughout the EDPOPSUS formation, changes in the conceptions and practices of the students and in the relations with the other workers were observed through the presentation of the fieldwork, in a systematic construction of knowledge, empowerment and critical reflections.

Keywords

Popular Education in Health. Community Health Agents. Endemic Combat Agents.

⁵ Master in Health, Environment and Society in the Amazon, Federal University of Pará, State of Pará, Brazil; substitute professor at the State University of Pará, Brazil; distance education tutor at the Federal University of Pará, State of Pará, Brazil. E-mail: rosiuepa@gmail.com.

⁶ Undergraduate student in Nursing, State University of Pará, State of Pará, Brazil; fellow of the Institutional Program for Scientific Initiation Scholarships (PIBIC). E-mail: helenasotirakis@hotmail.com.

⁷ Undergraduate student in Nursing, State University of Pará, State of Pará, Brazil. E-mail: julianapenha55@gmail.com.

⁸ Undergraduate student in Nursing, State University of Pará, State of Pará, Brazil. E-mail: jucisaid@gmail.com.

Introdução

A Educação Popular em Saúde (EPS) é de suma importância a todas as práticas desenvolvidas no âmbito do SUS. Como prática transversal, proporciona a articulação entre todos os níveis de gestão do sistema, representando dispositivo essencial tanto para formulação da política de saúde de forma compartilhada, como para ações que acontecem na relação direta dos serviços com os usuários. Para tanto, se torna necessário o desenvolvimento de ações de EPS numa perspectiva dialógica, emancipadora, participativa, criativa e que contribua para a autonomia do usuário, no que diz respeito à sua condição de sujeito de direitos e autor de sua trajetória de saúde e doença; e autonomia dos profissionais diante da possibilidade de reinventar modos de cuidado mais humanizados, compartilhados e integrais (BRASIL, 2007, p. 4).

Nesse sentido, apresenta-se a EPS como uma nova vertente da educação em saúde, portadora da coerência política, da participação social e das possibilidades teóricas e metodológicas para transformar as tradicionais práticas educativas antes utilizadas com a população em práticas pedagógicas que levem à superação das situações que limitam o viver com o máximo de qualidade de vida que todos nós merecemos.

A EPS pode ser compreendida como um modo particular de reconhecer e enfrentar os problemas de saúde mediante o diálogo com as classes populares, o respeito às suas culturas e o reconhecimento dos seus saberes como válidos (VASCONCELOS, 2001 *apud* BRASIL, 2007). A educação popular ativa a mobilização para a construção de autonomia no âmbito individual e coletivo, assim como abre perspectivas para a alteridade entre os sujeitos sociais na luta por direitos, contribuindo assim para a significação do direito de cidadania (NERY, C.; NERY, I; NERY, W., 2012). Tem como objetivo transformar pessoas e a sociedade, despertando a humanidade, a liberdade de pensamento, expressão, espírito crítico, construtivo e honesto (OLIVEIRA, 2009).

Colaborando com a ideia, em uma atualização do Ministério da Saúde (2017), a Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEP-SUS), publicada em 19 de novembro de 2013, propõe metodologias e tecnologias para o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS). É uma prática voltada para a promoção, proteção e recuperação da saúde a partir do diálogo entre a diversidade de saberes, valorizando os saberes populares, a ancestralidade, a produção de conhecimentos e a inserção deles no SUS.

Os pressupostos teórico-metodológicos (diretrizes como convencionalmente são denominados) contemplam dimensões filosóficas, políticas, éticas e metodológicas que dão

sentido e coerência à práxis de EPS. São pressupostos da política e eixos temáticos, respectivamente: “diálogo, amorosidade, problematização, construção compartilhada do conhecimento, emancipação e compromisso com a construção do projeto democrático e popular, participação, controle social, gestão participativa, formação, comunicação, produção de conhecimento, cuidado em saúde, intersetorialidade e diálogos multiculturais” (BRASIL, 2013, p. 3).

As práticas e as metodologias da EPS possibilitam o encontro entre trabalhadores e usuários, entre as equipes de saúde e os espaços das práticas populares de cuidado, entre o cotidiano dos conselhos e dos movimentos populares, ressignificando saberes e práticas.

Nesse contexto, a partir de iniciativas do Ministério da Saúde, é válido ressaltar a existência do curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular, o curso EDPOPSUS, direcionado, sobretudo, à formação de Agentes Comunitários de Saúde (ACS) e Agentes Comunitários de Endemias (ACE). Trata-se de um curso dinâmico, contendo atividades diversificadas com grande enriquecimento no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que na metodologia é levada em consideração a construção compartilhada de saberes, não existindo uma hierarquia entre educadores e educandos, pois cada pessoa pode contribuir de acordo com seus conhecimentos e vivências.

O curso conta com a parceria da Escola Politécnica em Saúde Joaquim Venâncio, da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), e teve o objetivo de contribuir com a implantação da PNEP-SUS, promovendo a qualificação da prática educativa de profissionais e lideranças comunitárias que atuam em territórios com cobertura da atenção básica do SUS (BRASIL, 2017).

Conjuntura EDPOPSUS e a educação popular no estado do Pará

A EPS é um instrumento de educação que visa a promover a aproximação e o diálogo entre o saber popular, o conhecimento médico-científico dos profissionais e as instituições de saúde. A EPS fundamenta muitos movimentos populares concentrados na valorização dos saberes prévios, o apoio à troca de experiências e a identificação de situações-limite para aperfeiçoar o planejamento das ações, a ampliação de visão de mundo, o aumento da autoestima e o convite ao protagonismo, à emancipação e à liberdade (QUEIROZ; SILVA; OLIVEIRA, 2014).

Em vista disso, compreendendo a EPS como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento e construção compartilhada de saberes, o presente relato busca apresentar a experiência durante o processo formativo, suas práticas, vivências e transformações da terceira turma em Belém-PA do Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde – EDPOPSUS, o qual tem como objetivo favorecer a atuação dos trabalhadores nos processos de conquista de direitos em saúde da população e no fortalecimento da participação social.

O curso ocorreu por todo o Brasil, tendo uma duração de 160 horas, divididas em 136 horas presenciais e 24 horas de trabalho de campo, com aproximadamente 17 encontros semanais de 8 horas cada, intercalados com trabalhos de campo no território. No estado do Pará, foram 11 turmas com 320 integrantes no total, distribuídas nos municípios de Belém (3 turmas), Abaetetuba (2 turmas), Breves (1 turma), Castanhal (1 turma), Capanema (1 turma), Tucuruí (1 turma), Monte Alegre (1 turma) e Santarém (1 turma), no período de maio a setembro de 2017.

Os educandos, como são chamados os integrantes das turmas do EDPOPSUS, foram escolhidos por meio de processo seletivo, o qual tem como principal critério de avaliação a experiência profissional e a atuação junto aos movimentos sociais ou comunitários dos candidatos. Teve como objetivo, formar profissionais das equipes de Atenção Básica em Saúde, em especial, os ACS e ACE, integrantes dos movimentos sociais, tendo como referencial político-pedagógico a educação popular em saúde.

A terceira turma de Belém foi integrada por 19 pessoas, 16 do sexo feminino e 3 do sexo masculino, divididas entre ACS e ACE, com cerca de metade dela residente nos dois maiores municípios da região metropolitana (Belém e Ananindeua) e a outra, em municípios da região do Marajó (Muaná e Ponta de Pedras). Parte da turma tinha envolvimento em movimentos sociais, sindicais e na história do território, e um pequeno contingente com recente participação na construção histórica da sua comunidade e do SUS. Suas atividades de campo foram desenvolvidas com as comunidades adstritas das Estratégias de Saúde da Família (ESF) de Belém-PA e Ananindeua-PA, em maior escala, mas também, com participações nas comunidades adstritas das ESF do Marajó-PA.

No momento inicial do curso, as concepções e práticas de educação apresentadas foram de um grupo arraigado por uma educação bancária, os quais não percebiam que o foco da formação seriam eles próprios, com seus saberes, suas experiências fundadas em trocas e com a construção de conhecimentos, assim facilitada pelos educadores. Sabe-se que a educação bancária pressupõe o tipo de relação vertical entre educador e educando, na qual o educador detém todo o conhecimento enquanto o educando é visto como um receptor, apenas.

(BRIGHENTE; MESQUIDA, 2016, p. 155). Além disso, o estudo dos saberes que envolvem a diversidade da cultura amazônica possibilita a construção de novas diretrizes e práticas educativas, a partir da reflexão dos educadores e educandos contextualizada nas vivências da cultura local (OLIVEIRA; SANTOS, 2015). Foi nessa perspectiva que o EDPOPSUS foi desenvolvido no Pará.

Apesar dessa constatação inicial, a diversidade de locais de origem e inserção deles fez o grupo se constituir como um coletivo de ajuda mútua, com seus saberes, vivências, companheirismo e solidariedade. Os educandos utilizavam vídeos produzidos por eles mesmos, explicações orais, apresentação de cartazes e dramatizações. Faziam uso de relatos em poesia, entrevistas com moradores e representantes da comunidade, utilizando as discussões dos encontros semanais para aplicação em cada território onde atuavam. Esses momentos eram chamados de dispersão, em que se tinha oportunidade de problematizar, transformar sua realidade e aplicar os princípios da educação popular. A problematização deixa de ser apenas uma estratégia didática, um jeito dinâmico de ensinar, para ser um desafio de pesquisa compartilhada entre os educadores e educandos, comprometida com problemas concretos vividos. (VASCONCELOS; CRUZ; PRADO, 2016). O ensino deve estimular a capacidade de pensar com autonomia e independência, fazendo com que o aprendizado ocorra permanentemente (OLIVEIRA, 2009).

Somado a isso, para Freire o saber está relacionado à busca permanente do conhecimento, já que o ser humano é inacabado e necessita de interação com o outro, pois “somos seres que aprendem a saber e que transformam o saber em diálogo” (BRANDÃO, 2002 *apud* SANTOS; NOVAIS; SILVA, 2011, p. 16).

Nesse contexto, a educação popular tem início nos saberes prévios dos educandos e, à medida que esses saberes vão sendo construídos pelas pessoas nos seus percursos de vida, se tornam essenciais para superação de situações e ocasiões adversas. A educação popular faz uma aposta pedagógica na ampliação progressiva da análise crítica da realidade, por parte dos coletivos, à medida que eles sejam, por meio do exercício da participação popular, produtores de sua própria história (VASCONCELOS, 2004 *apud* GOMES; MERHY, 2011, p. 11).

Contribuições para a transformação de uma realidade social

A educação popular contribuiu para novas práticas de cuidado, pois houve, acima de tudo, o respeito por práticas antes desconsideradas e que se tornaram mais fortalecidas pela

turma, possibilitando aos participantes maior conhecimento acerca das diferentes culturas existentes no território brasileiro e suas especificidades, tais como: os ritos umbandistas anteriormente marginalizados e depois potencializados por meio do conhecimento e vivências dos rituais de cura trazidos para a roda.

A fitoterapia, a energização pelas mãos, a arte de rua e o cuidado corporal também foram potencializados como práticas de cuidado. O UBUMTU (filosofia africana de união e solidariedade) ficou marcado por essa “grande família EDPOPSUS” (como a turma sempre se intitulava). Esse fortalecimento de práticas ratificou a importância da educação popular, que procura superar a desigualdade entre educador e educando, valorizando a troca de conhecimentos através do diálogo (QUEIROZ; SILVA; OLIVEIRA, 2014).

Outro momento significativo de autonomia e de cuidado foi o desenvolvimento de uma prática integrativa, mais precisamente o “ritual de nossos ancestrais”: o qual trabalha o corpo e a alma, a partir da lógica do cuidado, primeiramente o nosso corpo para depois trabalharmos o cuidado do outro. No primeiro momento, em roda, realizamos alongamentos diversos, em um segundo momento foi experimentado o caminhar em diferentes conformidades, depois uma forma de regressão à infância a partir das lembranças em cores, a respiração como movimento de vida e, para finalizar, a composição de pares para o olho no olho. As práticas integrativas são recursos terapêuticos, baseados nos conhecimentos tradicionais, utilizados para a prevenção e tratamento paliativo de diversas doenças (BRASIL, 2019).

E algo inesquecível foi o corredor do cuidado, também chamado de “túnel de energias”, pois eram concentradas e emanadas energias das mãos dos educandos e educadores em cada parte do corpo de cada um, através de um ritual para cura, cuidado, transposições de equilíbrio e bem-estar. Partindo de todas as percepções e impressões vivenciadas, abrimos para a discussão de como se sentiram, como visualizavam aquela prática do túnel na sua vida e como prática de saúde. A educação não formal possibilita modificação na conformação do ensinar, criando espaços que permitem ir além, valorizando os aprendizados gerados a partir da experiência, contribuindo para tornar mais ampla a interpretação da realidade, possibilitando enquadrar contextos mais amplos da vida (CENDALES; MARIÑO, 2006).

Foram, tanto para os educadores quanto para muitos educandos, inéditas as sensações permitidas e vividas no túnel do cuidado. Sensações de paz, harmonia, leveza, algo interior e infinito (que muitos não conseguiram representar, mas que por vezes vieram desabafos, antes nunca “ditos”, choros de alegria e tristezas, por trazerem à tona sentimentos tolhidos e guardados), o que nos levou à discussão das práticas integrativas, hoje reconhecidas pelo

Ministério da Saúde. Mesmo com a criação, na última década, e o avanço de uma política voltada para essas práticas, ainda se faz necessário estimular nos territórios espaços de enriquecimento de debates sobre as práticas e trocas de experiências com gestores de outros municípios/estados que desenvolvam as práticas integrativas pelo SUS (BRASIL, 2019).

Tudo isso revelou a construção coletiva realizada pela EPS. A amorosidade e solidariedade ao longo da formação, a emancipação/empoderamento/equidade desse povo, os saberes e vivências trocados e percebidos a partir de cada história, além do fortalecimento do coletivo, alicerçado e construído a partir da convivência e dos princípios da educação popular, mostram o Sistema Único de Saúde (SUS) como responsável pelo acesso às ações de saúde, visto ser ele constituído principalmente por valores que promovem relações mais humanizadas (STRECK; ESTEBAN, 2013).

Assim, a EPS despertou e fortaleceu a importância da participação para a luta dos direitos, já que foram muitas as vivências trocadas e debatidas, por meio da apresentação de estratégias e experiências exitosas em diversos territórios. Um exemplo disso foi a experiência de um educando de um bairro de periferia de Belém que, por meio da cultura (Boi Marronzinho) e outras ações, levou a população para longe da marginalidade, buscando resgatar a saúde das pessoas por intermédio da arte, pautando a emancipação por meio da participação popular.

A arteterapia, uma prática integrativa reconhecida pelo Ministério da Saúde, é uma atividade milenar que pode atuar como um componente terapêutico na análise do consciente e do inconsciente, favorecendo a saúde física e mental. É usada como uma forma de comunicação entre profissional e paciente, em tratamento terapêutico de grupo ou individual, em favor da saúde (BRASIL, 2019).

Houve outras experiências como o “O grito do Marajó”, representando a busca árdua do povo local por um olhar equânime, que considere seus rios, suas distâncias, vulnerabilidades e iniquidades postas no papel, mas que não são, de fato, implementadas pelos gestores. A educação tornou-se ferramenta de um discurso ideológico que abafa o conflito, esconde a dominação, as diferenças e as contradições sociais (BRASIL, 2014).

Em relação à dimensão cultural, a investigação sobre expressões e manifestações culturais gerou transformações para o trabalho dos educandos, pois foram resgatados aspectos da umbanda, tradições de cura (túnel do cuidado e da cura) dos nossos ancestrais e danças circulares, as quais foram muito potentes e serviram para promover o cuidado com o próprio coletivo, à medida que cada um tinha a necessidade ou que a turma reconhecia como necessidade de cuidado. É fundamental que o profissional de saúde compreenda as

implicações socioculturais no processo saúde e doença e amplie o foco de ação para além da dimensão biológica (KREUTZ; GAIVA; AZEVEDO, 2006).

Sobre a dimensão histórica, foram percebidas diferenças nas narrativas dos diversos fatos e acontecimentos, e o (re)conhecimento das memórias produziram mudanças pessoais e profissionais nos educandos. Isso foi percebido nas cartas de expectativas e de finalização da formação, pois eram relatos de transformação, emancipação e libertação. Histórias de infância nunca contadas, vivências de sofrimento e violências dialogadas no coletivo, palco para uma libertação conjunta. Ajuda e solidariedade eram palavras de força e superação a cada encontro. A história das lutas dos territórios pelos seus direitos levou os integrantes a serem fortalecidos pela mesma necessidade de buscar um horizonte melhor para todos. É de suma importância trazer as memórias que acessamos conosco, não apenas como lembranças do passado, e sim como um fato norteador do presente, que aponta o futuro (FORD, 2019).

Considerações finais

Ao longo da formação EDPOPSUS foram observadas mudanças nas concepções e práticas dos educandos, pois eles passaram a articular e organizar a comunidade em prol da libertação e transformação da realidade, com base na concepção de que educação popular é parte dos movimentos do povo, de suas realidades e que é capaz de emancipar os grupos mais vulneráveis.

Desse modo, a EPS não se trata apenas de uma nova metodologia na área, pois o que o movimento defende é um novo olhar para as práticas de saúde e as relações construídas entre profissionais e comunidade, por isso, tem sido considerada, como um instrumento de mudança das práticas de saúde, possibilitando que essas relações corroborem com a abertura de novos canais de comunicação e de construção compartilhada do conhecimento, sempre tendo como foco a autonomia e a construção de processos sociais emancipatórios (PINHEIRO; BITTAR, 2016).

Ademais, foi possível observar mudanças na vida e no processo de trabalho dos educandos e nas relações com os outros trabalhadores, por meio da apresentação dos trabalhos de campo, numa construção sistemática do conhecimento, de empoderamento, de reflexões críticas, antes não apontadas e debatidas e, principalmente, na problematização da realidade que vivenciaram no território e do reconhecimento das práticas integrativas e complementares.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. **Política Nacional de Educação Popular em Saúde**. Nota Técnica 16. 2013. Disponível em: <https://www.conass.org.br/wp-content/uploads/2013/07/NT-16-2013-Educa%C3%A7%C3%A3o-Popular-em-Sa%C3%BAde.pdf>. Acesso em: 14 jun. de 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Educação Popular em Saúde**. 2017. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/participacao-e-controle-social/gestao-participativa-em-saude/educacao-popular-em-saude> acesso em: 14 de junho de 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Práticas Integrativas e Complementares (PICS): quais são e para que servem**. 2019. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/praticas-integrativas-e-complementares>. Acesso em: 14 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Caderno de Educação Popular e Saúde**. Textos Básicos de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **II Caderno de Educação Popular e Saúde**. Textos Básicos de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BRIGHENTE, M. F.; MESQUIDA, P. Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora. **Pro-Posições**, São Paulo, v. 27, n. 1, jan./abr. 2016. Doi: 10.1590/0103-7307201607909.

CENDALES, L., MARIÑO, G. **Educação não-formal e educação popular**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

FORD, J. V. O serviço social e o debate sobre tempo, história e memória. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 134, jan./abr. 2019. Doi: 10.1590/0101-6628.165.

GOMES, L. B.; MERHY, E. E. Compreendendo a educação popular em saúde: um estudo na literatura brasileira. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, jan. 2011. Doi: 10.1590/S0102-311X2011000100002.

KREUTZ, I.; GAIVA, M. A. M.; AZEVEDO, R. C. S. Determinantes socioculturais e históricos das práticas populares de prevenção e cura de doenças de um grupo cultural. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 89-97, fev. 2006. Doi: 10.1590/S0104-07072006000100011.

NERY, V. A. S.; NERY, I. G.; NERY, W. G. Educação popular em saúde: um instrumento para a construção da cidadania. **C&D-Revista Eletrônica da Fainor**, Bahia, v. 5, n. 1, jan./dez. 2012.

OLIVEIRA, I. A. (org.). **Caderno de atividades pedagógicas em educação popular**: relatos de pesquisas e de experiências dos grupos de estudos e trabalhos. Belém: EDUEPA, 2009.

OLIVEIRA, I. A.; SANTOS, T. R. L. **Caderno de atividades pedagógicas em educação popular**. Belém: EDUEPA, 2015.

PINHEIRO, B. C.; BITTAR, C. M. L. Práticas de educação popular em saúde na atenção primária: uma revisão integrativa. **CINERGIS**, Santa Cruz do Sul, v. 18, n. 1, jan./mar. 2016. Doi: 10.17058/cinergis.v18i1.8049.

QUEIROZ, D. M.; SILVA, M. R. F.; OLIVEIRA, L. C. Educação permanente com agentes comunitários de saúde: potencialidades de uma formação norteada pelo referencial da educação popular e saúde. **Interface**, Botucatu, v. 18, n. 2, p. 1.200-1.201, 2014. Doi: 10.1590/1807-57622013.0303.

SANTOS, B. P.; NOVAIS, G. S.; SILVA, L. C. **Educação Popular em tempos de inclusão: pesquisa e intervenção**. Uberlândia: EDUFU, 2011. Doi: 10.14393/EDUFU-978-85-7078-299-1.

STRECK, D. R.; ESTEBAN, M. T. **Educação popular: lugar de construção social coletiva**. Petrópolis: Vozes, 2013.

VASCONCELOS, E. M.; CRUZ, P. J. S. C.; PRADO, E. V. A contribuição da educação popular para a formação profissional em saúde. **Interface**, Botucatu, v. 20, n. 59, out./dez. 2016. Doi: 10.1590/1807-57622016.0767.

Submetido em 2 de julho de 2019.

Aprovado em 10 de outubro de 2019.